

O avanço das culturas agroenergéticas e a possível alteração no mapa da citricultura no Brasil

por Carlos Antônio Ferreira de Sousa

Com a elevação exorbitante nos preços do petróleo, o aquecimento global provocado pelos gases derivados da sua combustão e as previsões de que, no atual ritmo de consumo, as reservas podem-se esgotar em curto prazo, o mundo assiste, neste início do século XXI, a uma corrida sem precedentes na busca de fontes de combustíveis alternativos, renováveis e menos poluentes. Os empresários do agronegócio têm buscado nas plantas o suprimento dessa demanda. Entre as principais candidatas a abastecer o mundo de energia estão a cana-de-açúcar, a soja e o milho. No Brasil, pela experiência anterior de mais de trinta anos na produção de álcool combustível, o agronegócio da cana-de-açúcar largou na frente de tal forma que o crescimento da área plantada tem-se dado no ritmo de 10 a 12 % ao ano, muitas vezes ocupando espaços anteriormente destinados a outras culturas. Um caso singular ocorre atualmente no Estado de São Paulo, maior produtor de citros do Brasil, responsável pela liderança mundial do País na produção e exportação de suco de laranja, onde as áreas tradicionais de produção de citros estão sendo substituídas por canaviais. Os motivos são vários. Além da maior rentabilidade da cana-de-açúcar, no cenário atual, há outros problemas enfrentados pela citricultura paulista. As doenças que têm surgido ultimamente, levando inclusive à erradicação de pomares, e o aumento no preço dos insumos têm elevado os custos de produção. Para aqueles que dependem de exportação, o câmbio tem-se mantido desfavorável. Completando o quadro, a mão-de-obra no Estado de São Paulo, fator importante nos custos de produção da citricultura, além de escassa, é uma das mais caras do País. Toda essa situação tem levado os citricultores paulistas a substituir os citros por outras culturas ou a procurar novas áreas para o cultivo de citros. É nesse contexto que a Região Nordeste surge como alternativa, pois, além de estar isenta das principais doenças dos citros, dispõe de terra e mão-de-obra mais baratas. Já é possível se perceber, nos últimos anos, um aumento da área plantada com citros em quase todos os Estados do Nordeste, especialmente na Bahia e em Sergipe. Nos últimos anos, pelos dados do IBGE, a taxa de crescimento da citricultura nesses Estados é o dobro da Nacional. O grupo de limas e limões apresenta-se como o mais promissor, tendo em vista as condições climáticas favoráveis a essas culturas. Várias empresas instaladas na região vêm produzindo e exportando lima-ácida "Tahiti", inclusive algumas oriundas do Estado de São Paulo, que transferiram suas empacotadoras para a Bahia. Entretanto, para que a citricultura se estabeleça na região como uma alternativa capaz de atrair mais investimentos, é necessário que os governos disponibilizem crédito, em condições compatíveis com a atividade, e criem as condições mínimas de infra-estrutura. Às Instituições de Pesquisa, por sua vez, cabe a geração, a experimentação e a disponibilização de novos materiais, recomendando para plantio aqueles mais promissores e que se adaptaram melhor. É com esse objetivo que a Embrapa Meio-Norte participa do projeto "Certificação e Diversificação da Citricultura no Nordeste Brasileiro", coordenado pelo Centro Nacional de Pesquisa da Mandioca e Fruticultura Tropical. Nesse projeto, estão em avaliação diversos materiais, sendo 40 variedades-copa, incluindo laranja, limão, lima-ácida, tangerina e pomelo, enxertadas em, pelo menos, seis porta-enxertos. A previsão é de que nos próximos anos tenhamos gerado dados suficientes para antecipar as demandas por informações sobre o desempenho das variedades, em condições de campo, as quais serão importantes para subsidiar as decisões em relação aos investimentos.

Carlos Antônio Ferreira de Sousa. Pesquisador Embrapa Meio-Norte.